

**REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA AGROINDÚSTRIA PAULISTA E A CÂMARA  
SETORIAL SUCRO-ALCOOLEIRA.  
UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA GESTÃO SOCIETÁRIA DO CAPITAL  
E OS DESAFIOS PARA O TRABALHO <sup>1</sup>**

*Antonio Thomaz Júnior\**

Resumo: Este texto pretende apresentar algumas reflexões sobre os impactos do processo de reestruturação produtiva do capital, empreendido especificamente na agroindústria canavieira, em São Paulo e os desdobramentos para o trabalho, particularmente para os trabalhadores. A gestão societária do capital e a dominação de classe, com ênfase à experiência da Câmara Setorial Sucro-alcooleira, são os elementos centrais para a compreensão do movimento sindical dos trabalhadores envolvidos nesse setor de atividade, também é objeto de investigação e reflexões.

Palavras-Chave: Câmara setorial, Gestão societária, Dominação de classe, Trabalho, Movimento sindical, Território.

**I**

O reordenamento territorial da agroindústria sucro-alcooleira, principalmente no Estado de São Paulo, materializa-se em uma gama de imbricações resultantes do processo contraditório de desenvolvimento do capitalismo e, por via de consequência, desdobramentos específicos para o trabalho, que repercute diretamente no desemprego crescente, tanto na parte agrícola (mais propriamente no corte, com a mecanização), mas também na parte fabril do processamento. Sem contar, a precarização das relações de trabalho, mediante a terceirização e a superexploração do trabalho, que se materializa, invariavelmente, no conjunto das empresas do setor, com o enxugamento do efetivo de trabalhadores e acúmulo de tarefas para aqueles que permanecem na ativa<sup>2</sup>.

É na centralidade do trabalho e na razão de inspiração ontológica do ser social, que se assenta a matriz teórica ou o ponto de inflexão principal para o presente ensaio e também para o Projeto de Pesquisa que inspira essas reflexões<sup>3</sup>, ou mais precisamente, nos propomos a fazer alguns exercícios para compreender a estrutura e a gestão societárias do capital e os desafios para o trabalho, a partir dos exemplos da situação que se processualiza na agroindústria sucro-alcooleira.

---

\* UNESP, Presidente Prudente

<sup>1</sup> Este texto é produto das reflexões no âmbito do Projeto de Pesquisa "Câmara Setorial Sucro-alcooleira: a relação capital-trabalho e os desafios para o movimento sindical", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Fica aqui manifesto meu agradecimento a FAPESP.

<sup>2</sup> A recente obra do sociólogo Ricardo Antunes "Os Sentidos do Trabalho", fornece pistas para a compreensão desse temário, ao se apoiar em pesquisas empíricas e em obras consagradas, tais como: "Beyond Capital", István Mészáros; "Ontologia do Ser Social" de George Lukács, "O Capital" de Karl Marx, e tantos outros.

<sup>3</sup> Ainda que essa trajetória venha sendo trilhada ao longo dos últimos anos, essa é pois, a temática que estou direcionando as minhas pesquisas, bem como orientações acadêmicas, nos diversos níveis, o que tem fortalecido sobremaneira as atividades que estão sendo desenvolvidas junto ao (CEGET) e de forma particular, junto ao (CEMOS1), ambos sob minha coordenação.

Em outras palavras, trata-se, pois, de priorizar a compreensão e o desvendamento do arranjo expresso na agroindústria sucro-alcooleira em São Paulo, a partir da configuração territorial movida pela relação capital-trabalho (Ramos, 1991). Para tanto, as atenções se voltam para os desafios colocados para os trabalhadores, mais especificamente para as (re)definições do capital no âmbito técnico, gerencial, econômico e político-organizativo, as reformas jurídico-institucionais e as novas relações institucionais com a constituição da câmara setorial paulista sucro-alcooleira.

Em síntese, a preocupação central deste ensaio é trazer ao debate as combinações entre formas e significados que impõem profundas modificações nos rumos do trabalho ou nas formas de controle exercidas pelo capital e pelas classes dominantes, que requalificam as relações sociais de produção e particularmente, de trabalho, na agricultura.

## II

É importante notar que é particularmente a partir do início dos anos 70 que o quadro da crise estrutural do capital abateu o conjunto das economias capitalistas, em especial os países centrais num primeiro momento, e foi capaz de produzir repercussões de elevada magnitude, nunca antes vista, particularmente para os trabalhadores. É exatamente nesse período que são lançadas as bases do Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL), que produziu profundas modificações de ordem gerencial, tecnológica, empresarial, social, mas sobretudo elevou em escala jamais vista a concentração de terra, de renda e de capital, fortalecendo ainda mais a fração da burguesia envolvida nesse ramo de atividade ou os grupos sucro-alcooleiros privados. Coincidências a parte, o Estado empenhou-se histórica e estruturalmente para garantir os rearranjos necessários para recolocar em níveis satisfatórios o processo de reprodução do capital sucro-alcooleiro e também de todo o D1.

Em síntese, os frutos a serem colhidos pelo capital, nos limites do refortalecimento da sua hegemonia na escala do empreendimento agroindustrial, objetivados com a vigência da câmara setorial, entrecruzam-se com o conjunto das alterações tecnológicas e gerenciais e a determinação de políticas setoriais, que até então se reservavam à seara de atuação, centralizada pelo Estado. Daí, então, a redefinição de rumos do PROÁLCOOL, com a revitalização da política de investimentos no setor, a fixação de cotas de produção e de exportação, negociações específicas para "disciplinar" o processo de mecanização do corte da cana-de-açúcar e, conseqüentemente, formas para regular o desemprego no corte da matéria-prima, todavia, sem resultados práticos interessantes para os trabalhadores.

## III

A compreensão desses processos e arranjos materializadas no território, torna imprescindível a presença da "leitura" geográfica<sup>4</sup>, uma vez que nos possibilita, juntamente com as contribuições de outras áreas do conhecimento, o instrumental necessário para a apreensão da dinâmica territorial da relação capital-trabalho, posta em questão. Ou ainda, o desvendamento do ordenamento territorial do metabolismo societário do capital, resultante da processualidade social, o que vai nos permitir entender o significado dos fenômenos nos lugares, portanto, todas as mediações que dão formato à dominação do capital sobre o trabalho, ou ainda, a composição estrutural da luta de classe e conseqüentemente, a trama societária subjacente.

É, então, na órbita do capitalismo contemporâneo que se têm então, as pistas fundamentais para se entender a intensificação da sua lógica destrutiva<sup>5</sup> e as repercussões que reformatam o mundo do trabalho. Em respeito aos limites deste ensaio, pode-se todavia, lançar mão das principais repercussões da reestruturação produtiva do capital, para o trabalho: 1) a desproletarização do trabalho industrial fabril, típico do fordismo; 2) a ampliação do

---

<sup>4</sup> No ensaio "Leitura Geográfica e Gestão Político-Territorial na Sociedade de Classes" (1998), pude desenvolver reflexões específicas sobre a gestão territorial enquanto pressuposto da dominação de classe no capitalismo. Mais detalhes ver: Thomaz Jr., 1996.

<sup>5</sup> Mézáros pondera que junto das práticas materiais da destrutiva auto-reprodução ampliada do capital, "fez surgir inclusive o espectro da destruição global, em vez de aceitar as restrições positivas requeridas no interior da produção para a satisfação das necessidades humanas" (apud Antunes, 1999: 188).

assalariamento no setor de serviços; 3) o incremento das inúmeras formas de subproletarização, decorrentes do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, "terceirizado"; 4) incremento da incorporação do trabalho feminino no interior da classe trabalhadora, expressão especial, quando se pensa em termos da expansão do trabalho precarizado, "terceirizado", sub-contratado, part-time etc; 5) a exclusão de trabalhadores jovens e "velhos" (acima de 45 anos), do mercado de trabalho; 6) o recrudescimento do assalariamento no setor de serviços; 6) a expansão do patamar de trabalho infantil, em especial nas atividades agrárias e extrativas.

Diante disso, pondera-se ser um equívoco propor o fim do trabalho ou a perda de sua centralidade<sup>6</sup>, enquanto perdurar a sociedade capitalista, como defendem alguns e, por suposto, seria praticamente impossível imaginar a eliminação da classe-que-vive-do-trabalho enquanto vigorarem os elementos constitutivos da estrutura societária do capital.

O entrecruzamento desses desdobramentos criou, portanto, uma classe trabalhadora que se fragmentou, heterogeneizou e se complexificou, a ponto de apresentar-se mais qualificada em determinados setores, inclusive com relativa intelectualização do trabalho e desqualificada e extremamente precarizada em outros<sup>7</sup>, evidências do que se denominou de sociedade dual e assegura à categoria trabalho, papel central na sociedade do trabalho.

Busca-se, assim, considerando-se o assunto posto em análise, a compreensão das combinações entre formas e significados dos fenômenos nos lugares, subjacentes pois, à sua dimensão espacial e territorial e que são, por sua vez, a expressão da estrutura societária em vigor, nos diferentes níveis escalares (local, regional, nacional, internacional). Apreender o conteúdo e a dinâmica da gestão societária do capital é o que nos permite entender a estrutura social fundante da divisão hierárquica do trabalho que viabiliza o sistema de metabolismo social do capital que, por sua vez, subordina as funções vitais de toda a sociedade. (Mészáros, 1999).

#### IV

Todavia, dados os limites postos para este ensaio, pretendemos apenas, discutir alguns elementos que são centrais, a nosso ver, para nos permitir enfocar as relações existentes entre a reestruturação produtiva e os novos mecanismos de dominação colocados em prática pelo capital, sob o pressuposto da câmara setorial e suas repercussões para os trabalhadores e, em particular para o movimento sindical.

O que se pretende dizer está relacionado ao fato de que o Estado de São Paulo apresenta um intenso dinamismo das forças produtivas materiais em termos de produção de cana-de-açúcar e seu respectivo processamento agroindustrial. Ao lado disso, estão os altos investimentos em tecnologia, responsáveis pelo reordenamento do processo industrial e agrícola, com repercussões intensas sobre a relação capital-trabalho, mas sobretudo para o trabalho e mais diretamente para o conjunto dos trabalhadores envolvidos e suas entidades de representação sindical [sindicato dos trabalhadores nas indústrias químicas, farmacêuticas e do álcool de Presidente Prudente e região (sindicato do álcool<sup>8</sup>), sindicato dos trabalhadores rurais (STR), sindicato dos empregados rurais (SER) e sindicato dos trabalhadores em transportes (sindicato dos condutores)].

Observa-se, então, com bastante nitidez, um processo crescente de redefinição das relações de produção (tanto na agricultura quanto na indústria), seguido de um movimento constante de realocização de novos atores sociais, que são definidos territorialmente, recolocando novos atributos à divisão técnica do trabalho e seus desdobramentos territoriais, via a redefinição de funções, eliminação de postos de trabalho etc.

#### V

Pode-se afirmar seguramente, que, mais recentemente, a reestruturação produtiva do capital no Brasil, de maneira geral, apresenta-se com traços marcantes e expressiva territorialmente. Ao se combinarem diferentes ações como enxugamento drástico das empresas, formas diversificadas de superexploração do trabalho,

<sup>6</sup> Os principais defensores dessa tese, são: Gorz, 1982 e 1990; Offe, 1989; Habermas, 1989 e 1992.

<sup>7</sup> O Geógrafo anglo-americano David Harvey (1990), "Los Límites del Capitalismo y la Teoría Marxista", mais precisamente os capítulos IV e XIII.

<sup>8</sup> Será feita a opção, daqui para frente de apenas mencionar o nome usual para a identificação das categorias sindicais e não o nome de identificação formal das entidades sindicais.

desregulamentação, novas formas de gestão do processo de trabalho, têm-se, então, indicativos de que o fordismo-taylorismo está se mesclando, por exemplo, com vários elementos do toyotismo, em todo o planeta. (Antunes, 1999).

A título ilustrativo, poderíamos enumerar as principais repercussões da reestruturação produtiva do capital, para o trabalho: 1) a desproletarização do trabalho industrial fabril, típico do fordismo; 2) a ampliação do assalariamento no setor de serviços; 3) o incremento das inúmeras formas de subproletarização, decorrentes do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, "terceirizado"; 4) verifica-se, também, que todas essas formas que redimensionam a heterogeneização do trabalho têm, na crescente incorporação do trabalho feminino no interior da classe trabalhadora, expressão, em especial, quando se pensa em termos da expansão do trabalho precarizado, "terceirizado", sub-contratado, part-time etc; 5) a exclusão de trabalhadores jovens e "velhos" (acima de 45 anos), do mercado de trabalho; 6) o recrudescimento do assalariamento no setor de serviços; 6) a expansão do patamar de trabalho infantil, em especial nas atividades agrárias e extrativas<sup>9</sup>.

O entrecruzamento desses vetores, criou, portanto, uma classe trabalhadora que se fragmentou, heterogeneizou e se complexificou, a ponto de apresentar-se mais qualificada em determinados setores, inclusive com relativa intelectualização do trabalho e desqualificada e extremamente precarizada em outros<sup>10</sup>.

Assim, a flexibilização de processos ou a adoção de formas de acumulação flexível<sup>11</sup> em contato com as condições até então vigentes, mesclam-se e produzem diferentes formatações ou arranjos, com implicações de elevada monta para a inserção do trabalho em novas atividades. Ou então, resta-lhe adaptar-se a novos procedimentos e rotinas, mediante a absorção de novas habilitações, repercutindo diretamente na delimitação das qualificações profissionais, inclusive com a extinção de diversas e a inserção de outras poucas, comparecendo em cena a figura do trabalhador polivalente, capaz de realizar diferentes atividades.

É nesse cenário também que se complementam e se refazem de sentido as formulações que buscam perpetuar o controle do capital, diante do desafio de continuar contando com os esquemas de sustentação da dominação, com o anúncio do fim das classes sociais e do registro de um novo tempo para o trabalho, mediante a participação e colaboração com as empresas, através da aceitação da instância tripartite como mediadora e referencial para o avanço das negociações entre capital, Estado e trabalhadores. O empreendimento ideológico reformulado pela burguesia se propõe isento quando prescreve o bem estar de todos e a busca do pleno emprego, sob a tutela do neoliberalismo<sup>12</sup>, como se pode atestar em vasta fonte documental, produzida pelo empresariado na área de abrangência da FIESP e de alguns setores do sindicalismo brasileiro, mais precisamente sob a área de influência da Força Sindical e da Social Democracia Sindical (SDS).

## VI

Desdobrando-se, então, das relações de produção, o trabalho, já fragmentado em diferentes categorias/corporações sindicais, no caso específico da agroindústria sucro-alcooleira em rurais, químicos, condutores e alimentação, se distancia da sua identidade operária (alienada), não se reconhecendo como proletário, mas como cortador de cana, condutor/motorista, químico etc, ou seja, fracionado enquanto categoria e personalizado nas corporações sindicais.

O que se aponta no horizonte, no apagar das luzes do século XX, para a agroindústria sucro-alcooleira, especialmente para os trabalhadores, é o incremento do processo de centralização e concentração de capitais, com a sofisticação dos mecanismos de gestão e controle do processo de produção e da força de trabalho (com forte elevação dos níveis de desemprego). Tem-se também, o anúncio já manifesto em diversos sentidos e aspectos,

---

<sup>9</sup> Em Antunes (1999), "Os Sentidos do Trabalho", o leitor pode encontrar detalhamento e rico material de pesquisa sobre as repercussões da reestruturação produtiva do capital para o trabalho, em sentido amplo.

<sup>10</sup> O Geógrafo anglo-americano David Harvey (1990), "Los Límites del Capitalismo y la Teoría Marxista", mais precisamente os capítulos IV e XIII.

<sup>11</sup> Harvey (1992), em seu livro "Condição Pós-Moderna", desenvolve longamente o conceito de flexibilização do trabalho. Ver também Antunes, 1995.

<sup>12</sup> Lipietz é um dos ardis defensores dessa teses, que sustenta as aspirações da terceira via, o que pode ser apreendido em "Elegir a Audacia" (1997) e também nas formulações recentes no campo do trabalhismo britânico, com a roupagem que Giddens (1999) implementa, sob a direção de Tony Blair. Especificamente a esse respeito, consultar Antunes, (2000).

das mudanças institucionais, com a desregulamentação estatal, que se processam no âmbito das reformas do Estado, com a potencial eliminação dos subsídios, da equalização de preços e da fixação dos preços da cana-de-açúcar e do álcool anidro; saída do Estado na determinação dos preços dos combustíveis. Sem contar os desdobramentos das reformas constitucionais, em especial na seara trabalhista e previdenciária, que incrementarão a precarização das relações de trabalho.

Não seria precipitação apontar para um quadro de total incerteza para os trabalhadores, em particular para o movimento sindical, todavia, fortemente cifrado para ceifar conquistas trabalhistas e delegar ao mercado todas as potencialidades capazes de fazer a regulação social e deixar para a legislação ordinária referencial para o exercício do regramento genérico, aliás pressuposto de fundo da câmara setorial, capaz apenas de corrigir possíveis exageros de ambas as partes, como afirmam os empresários ancorados na União da Agroindústria Sucro-alcooleira Paulista (UNICA)<sup>13</sup>.

A instância tripartite ou o tripartismo societário representado pela câmara setorial sucro-alcooleira, retém importante papel no gerenciamento das contradições sociais expressas pela relação capital-trabalho. Todavia, não as expõem, ao contrário, dissimula através de medidas superficiais e também impositivas, em respeito ao cumprimento do regramento jurídico-institucional, como a negativa de negociação conjunta e/ou da participação das centrais sindicais, os aspectos mais polêmicos, como a campanha salarial, os dispositivos negociados da taxa de mecanização do corte da cana-de-açúcar, etc.

A complexidade e abrangência dos rearranjos produzidos em todos os setores da atividade econômica mediante o contínuo processo de (re)divisão técnica do trabalho evidenciam, a partir da "diferencialidade" expressa territorial e socialmente, a magnitude da turbulência capaz de impactar profundamente o mundo do trabalho. Mais do que isso, impõe-lhe novas fissuras, com as novas faces impressas à fragmentação do trabalho que espelha as múltiplas clivagens que marcam a classe trabalhadora, e também expressa, no limite, as mazelas da desqualificação profissional<sup>14</sup> atrelada ou não ao desemprego.

As implicações diretas e específicas da reestruturação produtiva do capital na agroindústria sucro-alcooleira, demonstram haver um sem número de mediações que devem, necessariamente, ser contempladas para se entender o processo mais recente de rearranjo que se processa internamente às empresas, abrangendo todos os setores, processos produtivos e rotinas de trabalho. Vale registrar também, que tudo isso, dado a velocidade, intensidade e truculência do capital fazer valer seu metabolismo reprodutivo, faz eclodir em cena, alguns lampejos, sensações e ações anticapitalistas, ainda que de forma desordenada e desarticulada por parte dos trabalhadores, não necessariamente ancoradas na órbita das entidades sindicais, inclusive das centrais, que se mostram ausentes de todo esse processo.

Desse modo, a luta anticapitalista deve se desenrolar simultaneamente dentro e fora do trabalho, visando à reapropriação da totalidade das condições sociais de existência, acabando com a separação entre movimento operário e sindical, no caso em análise, romper com o distanciamento promovido pela fragmentação do trabalho inserido na agroindústria sucro-alcooleira, em entidades corporativas com realidade própria, e os novos movimentos sociais que se enraizam em outras esferas da dinâmica social e não especificamente, portanto, à seara da produção e da vinculação direta com o chão da fábrica. (Bihr, 1998: 219).

Não se trata de dizer, o que está certo ou o que está errado e que nos cabe apenas, como intelectuais, apontarmos caminhos para a sociedade. Apresentamos neste debate, tão-somente alguns pontos para fortalecer a interlocução com pesquisadores e outros interessados na temática posta, bem como com a classe trabalhadora.

Não obstante, a classe trabalhadora no Brasil, na viragem para o século XXI, requer análises profundas, para que se possam conhecer as dinâmicas específicas das formas que associam o trabalho à sua face enquanto mercado de trabalho, representada pelas nomenclaturas que identificam os trabalhadores enquanto qualificados/desqualificados, jovens/velhos, homens/mulheres, mercado formal/informal, etc.

---

<sup>13</sup> Para mais detalhes sobre a participação das entidades do capital sucro-alcooleiro paulista nos encaminhamentos político-organizativos e na disputa política direta com os trabalhadores, ver: Thomaz Jr., 1996.

<sup>14</sup> Sobre esse assunto, ver: Thomaz Jr., 2000a.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, F. J. C. *Modernização da agricultura e sindicalismo: lutas dos trabalhadores assalariados rurais da região de Ribeirão Preto*. Campinas: IE/UNICAMP, 1991. Tese (Doutorado) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- ANTUNES, R. Terceira Via: Uma Via de Continuidade do neloliberalismo. *Debate Sindical*, n.32 dez./jan./fev. São Paulo: Centro de Estudos Sindicais, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os Sentidos do Trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Adeus ao Trabalho*. São Paulo, 1995.
- ADISSI, P. *Espectro tecnológico estudado: em busca de uma tipificação dos processos de trabalho canavieiro*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1993. (mimeogr.)
- BIHR, A. *Da Grande Noite à Alternativa - O Movimento Operário Europeu em Crise*. São Paulo: Boitempo, 1998.
- CHESNAIS, F. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- GIDDENS, A. A Terceira via em Cinco Dimensões. *Folha de São Paulo*, Mais!, 21, fev. São Paulo, 1999.
- GRAZIANO DA SILVA, J. *A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: São Paulo: Loyola, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Los Límites del Capitalismo y la Teoría Marxista*. Cidade do México: Fundo de Cultura, 1990.
- LIPIETZ, A. *Elegir a Audacia*. Madri: Editorial Trotta, 1997.
- LUKÁCS, G. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Ontologia do Ser Social*. (O Trabalho). Tradução de Ivo Tonet. (mimeogr.)
- MARX, K. *Capítulo VI Inédito de o Capital*. São Paulo: Editora Moraes, 1985.
- MÉZÁROS, L., "A Ordem do Capital no Metabolismo social da Reprodução". *Ensaio Ad Hominem I*. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999, p. 83-124.
- MOREIRA, R. *A Diferença e a Geografia (o ardil da identidade e a representação da diferença na Geografia)*. Rio de Janeiro, 1999. (Mimeogr.).
- RAMOS, P. *Um estudo da evolução e da estrutura da agroindústria canvieira no Estado de São Paulo*. São Paulo: FGV, 1983. Dissertação (Mestrado) - Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- \_\_\_\_\_. A propriedade fundiária e a agroindústria canvieira no Brasil. *Boletim da ABRA*, Campinas, v.21, n.3, p.35-52, set./dez. 1991.
- RIBEIRO, J. C e THOMAZ JÚNIOR, A. Entre a Sepultura e a Trincheira: O Movimento Sindical e a Exclusão Social. *Revista Paranaense de Geografia*, Curitiba: Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 6, 2000. (no prelo)
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1997. (2ª edição).
- ZSMERECȘĂNIY, T. *O planejamento da Agroindústria Canvieira no Brasil: 1930-1975*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- THOMAZ JÚNIOR, A. *Por Trás dos Canaviais os (Nós) da Cana. (Uma Contribuição ao Entendimento da Relação Capital x Trabalho e do Movimento Sindical dos Trabalhadores na Agroindústria Canvieira Paulista)*. Tese de Doutorado - FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.
- \_\_\_\_\_. "Leitura Geográfica e Gestão Político-Territorial na Sociedade de Classes". *Boletim Gaúcho de Geografia*, n.24. Edição Especial do XVII Encontro Estadual de Professores de Geografia, Ijuí, 1997. Porto Alegre: AGB/Porto Alegre, 1998.
- \_\_\_\_\_. Território em Transe. *Actas del Seminario Internacional sobre Perspectivas de Desarrollo en Iberoamericana*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 1999.
- \_\_\_\_\_. Qualificação do Trabalho: Adestramento ou Liberdade? Uma Contribuição para o Entendimento dos Desafios postos ao Movimento Sindical, diante da Reestruturação Produtiva do Capital. - *Revista Eletrônica do II Colóquio Internacional de Geocrítica "Innovación, Desarrollo y Medio Local - Dimensiones Sociales y Espaciales de la Innovación"*. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2000. ISSN 1138 - 9788. <http://www.ub.es/geocrit/thomazjr.htm>
- \_\_\_\_\_. "Gestão e ordenamento territorial da relação capital-trabalho na agroindústria sucro-alcooleira". *Informações Econômicas*, São Paulo: Instituto de Economia Agrícola, v.30, n.4, abril de 2000, 20p.
- \_\_\_\_\_. "A Trama Societária da Reestruturação Produtiva e Territorial do Capital na Agricultura e os Desdobramentos para o Trabalho. (Noções Introdutórias). In: *O Pensamento de Milton Santos e a construção da Cidadania em Tempos de Globalização*. Organização: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB/Bauru). Bauru, 2000, p.240-251.